



**XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

## A importância da sistematização de experiências para o fomento de territórios sustentáveis e saudáveis

**MANUELA GIÁCOMO, NIDES/UFRJ, [giacomomanuela@gmail.com](mailto:giacomomanuela@gmail.com)**

**GUSTAVO MACHADO, NIDES/UFRJ, [gustavoxmartins@gmail.com](mailto:gustavoxmartins@gmail.com)**

**FELIPE ADDOR, NIDES/UFRJ, [faddor@gmail.com](mailto:faddor@gmail.com)**

### **ARTIGO TÉCNICO-CIENTÍFICO**

### **EIXO TEMÁTICO: TECNOLOGIA SOCIAL E INOVAÇÃO SOCIAL**

#### **RESUMO**

Este artigo se origina de uma reflexão sobre a sistematização de experiências de dois casos, ambos em comunidades caiçaras na Península da Juatinga em Paraty, no Estado do Rio de Janeiro, e demonstra sobre como a cultura do sistematizar auxilia na continuidade e desenvolvimento de projetos que salvaguardam práticas e tecnologias sociais de promoção da saúde e do bem viver desses territórios. A primeira experiência consiste em uma coleção multimídia intitulada “Memórias e Práticas Caiçaras da Península da Juatinga” na qual um projeto de extensão universitária sistematiza um conjunto de tecnologias sociais territorializadas. A segunda experiência a ser analisada é a da implementação de sistemas de saneamento ecológico com ampla participação comunitária uma ação interinstitucional para a promoção de territórios sustentáveis e saudáveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bem Viver. Territórios Sustentáveis e Saudáveis. Tecnologia Social. Comunidade Caiçara. Extensão universitária.



**XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade  
**12 a 14 de novembro de 2024**  
**Salvador - BA, Brasil**

## **INTRODUÇÃO**

A amplificação das desigualdades sociais e os impactos ambientais globais demonstram a insustentabilidade do modo hegemônico de produção e consumo estabelecido atualmente (MACHADO, 2022). Nesse sentido, a partir de um cenário de exclusão social e ambiental, a sustentabilidade deve ser destacada como conceito-chave em diversos campos de ação e conhecimento (GALLO, 2021).

A crise socioambiental pela qual estamos passando é fruto de um cenário onde processos globais hegemônicos invisibilizam e devastam determinadas culturas tradicionais em prol de um modelo de desenvolvimento que as considera um “empecilho” ao progresso (DIEGUES 1996). Paralelamente a esse processo predatório de destituição de direitos e terras, há movimentos sociais e experiências que promovem ações de fortalecimento político das populações pela permanência em seu território de direito e seus modos de vida em comunhão com o ambiente natural que os cerca (GALLO & NASCIMENTO - 2019).

Atualmente há um esforço conjunto de diversos setores da sociedade pelo reconhecimento de identidades socioculturais e a afirmação de sua importância para a preservação da biodiversidade (MANSO 2010). A vivência e o manejo de povos tradicionais, através de seus conceitos próprios de cuidado e bem viver, são responsáveis por preservar ambientes sustentáveis e saudáveis de acordo com seu conhecimento territorializado perpetuado há gerações.

“O bem viver é uma cosmovisão que compreende a natureza não como um objeto a ser explorado, mas como um ser vivo, integrado ao ser humano. É uma concepção de vida em harmonia proveniente dos povos indígenas andinos e baseada em valores comunitários e solidários” (ACOSTA, 2016, p. 85).



## **XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

Assim, ressalta-se a relevância para o fomento de ações ecologicamente justas, a compreensão e o atuar junto aos territórios em perspectivas que valorizem seus conceitos de cuidado e bem viver (ACOSTA 2016). O conceito de território aqui vem no sentido de enunciar a importância de preservar a sociobiodiversidade local no enfrentamento do cenário de insustentabilidade do modo hegemônico do viver atual e também a compreensão de que o território é vivo, é constituído tanto das pessoas e seus modos de vida e culturas, quanto das questões geográficas:

“Com o “retorno do território” (SANTOS, 2005) como ator e expressão espacial de reivindicações emancipatórias de movimentos sociais e na falada “virada espacial” (HAESBAERT, 2014) das ciências humanas, o território torna-se categoria operacional e de análise quando se trata da ligação entre saúde, ambiente e desenvolvimento. Esse conceito deve ser entendido como resultado de pactos de convivência estabelecidos entre atores sociais territorializados.” (VILLARDI et al, 2021, p. 41)

Essa lógica de relevância da atuação no território vai ao encontro da promoção da saúde territorializada, a partir de diversas práticas e projetos no Sistema Único de Saúde. Nesse sentido, desde 2014, tem sido desenvolvida a partir de pesquisa-ação uma abordagem de Territórios Sustentáveis e Saudáveis (TSS), como um projeto de emancipação comunitária, que atua no campo da promoção da saúde territorializada, a partir do planejamento participativo, que busca tanto fortalecer a atuação local, quanto sistematizar as experiências de organização comunitária. Na experiência do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS), uma parceria entre a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba (FCT), utiliza-se a perspectiva da determinação social da vida e da saúde para a implantação de agendas territorializadas, a partir do seguinte conceito:

“Territórios sustentáveis e saudáveis podem ser compreendidos como espaços constituídos a partir de relações sociais e de pertencimento simbólico e afetivo, apropriados criticamente e intencionalmente reconfigurados pela ação territorializada de coletivos portadores de vida nos quais o bem viver é o foco da governança viva. Essa governança viva integra ações comunitárias, da



**XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade  
**12 a 14 de novembro de 2024**  
**Salvador - BA, Brasil**

sociedade civil e do Estado para a gestão dos bens comuns e de políticas públicas em redes” (GALLO, 2021, p. 115)

Essa abordagem de TSS, coaduna com os princípios da extensão universitária, que se traduzem na pesquisa-ação e no desenvolvimento de projetos a partir do contato com a sociedade civil, a partir de necessidades reais e concretas (THIOLLENT, 2019). Nesse sentido, compreender a dinâmica das atuações em projetos que promovem o diálogo entre a extensão, o desenvolvimento social, e a troca de saberes é de suma importância para que essas experiências sejam tanto valorizadas, quanto reaplicadas em outros contextos de vulnerabilidade socioambiental.

Existem muitas dificuldades conceituais e práticas da compreensão e da implementação de projetos territorializados. Sistematizá-los é uma maneira de compreendê-los e disseminar essas práticas. (JARA, 2006). Para isso, esse artigo apresenta a metodologia da sistematização de experiências, e dois casos de aplicação da mesma em territórios caiçaras localizados na Península da Juatinga no sul do estado do Rio de Janeiro, um sendo uma experiência de extensão universitária, O Raízes e Frutos do departamento de geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que através de uma demanda comunitária sistematizou uma série de tecnologias sociais<sup>1</sup> locais (Série Memórias e práticas caiçaras da península da Juatinga). O segundo sendo uma pesquisa-ação, do OTSS, relativo à implementação de sistemas de saneamento ecológico, também tecnologias sociais, na comunidade caiçara da Praia do Sono com ampla participação comunitária e profunda abordagem a partir da educação ambiental (Machado et al, 2021 – caminhos e cuidados; Machado, 2019 - tese; Machado, 2019).

---

1- <sup>1</sup> “O marco da Tecnologia Social a partir do qual está sendo concebida, como uma alternativa – como uma iniciativa mais eficaz para a solução dos problemas sociais relacionados a essa dimensão e como um vetor para a adoção de políticas públicas que abordem a relação Ciência, Tecnologia e Sociedade num sentido mais coerente com nossa realidade e com o futuro que a sociedade deseja construir. (DAGNINO – 2004 p. 60.)



## XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

### METODOLOGIA

Sistematizar experiências é um poderoso instrumento para aqueles que vislumbram a importância da promoção de uma cultura de monitoramento e aprimoramento dos conhecimentos provenientes da prática extensionista, das práticas de pesquisa ação, e quaisquer práticas indutoras de políticas sustentáveis e emancipatórias. (JARA, 2006)

“O conceito de Sistematização de Experiências foi criado historicamente na América Latina como produto do esforço de construir nossos próprios marcos de interpretação teórica a partir das condições particulares de nossa realidade. Em 1959, a Revolução Cubana inaugurou um novo período histórico em “Nuestra América”, como Martí a chamou, demonstrando que é possível romper o esquema de dominação colonial que se impôs aos nossos países desde a conquista espanhola e, além disso, que era possível pensar desde a realidade específica da América Latina, um projeto diferente de sociedade baseado na busca por justiça social e autodeterminação.” (OSCAR JARA, 2021, p. 41)

ALTAMIRA (2013), em seu artigo sobre as relações do sistematizar no norte e no sul do mundo, os trás a perspectiva de que uma das formas de entender a sistematização é a convicção de que todo indivíduo experimenta a realidade a sua maneira. Uma percepção e um produto que são resultados de sua forma de fazer e agir. Portanto o processo de sistematização precisa ter uma flexibilidade que consiga abarcar aspectos pessoais e institucionais de uma perspectiva mais humana.

Sistematizar, portanto, é uma maneira não apenas de perpetuar a experiência para que as próximas gerações e gestões compreendam e assimilem sua trajetória, mas também para fomentar uma cultura de imaginar o sistematizar. É articular o passado e o presente com formas de pensar o vir a ser (JARA, 2006).

“Sistematizar experiências é um desafio político pedagógico pautado na relação dialógica e na busca da interpretação crítica dos processos vividos. Trata-se de um



## XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

exercício rigoroso de aprendizagem que contribui para refletir sobre as diferentes experiências, implicando na identificação, classificação e reordenamento dos elementos da prática; utiliza a própria experiência como objeto de estudo e interpretação teórica, possibilitando a formulação de lições e a disseminação.” (JARA 2007 p. 7).

Assim, apresento a seguir dois casos de sistematização de experiências que demonstram a metodologia aplicada na prática, ambos os casos provenientes de trabalhos realizados com comunidades caiçaras<sup>2</sup> no mesmo recorte territorial, a península da Juatinga em Paraty, ao sul do estado do Rio de Janeiro, onde residem comunidades tradicionais caiçaras e a categoria de Reserva Ecológica no sistema de unidades de conservação (MIE, 2019).

Um dos exemplos de sistematização que vamos abordar, o primeiro caso, é o da série Memórias e Práticas Caiçaras da Península da Juatinga. Uma série multimídia de livros e filmes produzida pelo projeto de extensão Raízes e Frutos com o objetivo de suprir uma demanda comunitária de registrar tecnologias sociais e modos de vida tradicionais importantes para aquela população que são ameaçadas por uma série de fatores (GIÁCOMO, PEREIRA & MIE, 2016).

O processo de sistematização pode ser feito tanto individualmente como coletivamente. No caso da série Memórias e Práticas foi feito em uma parceria entre comunidade, bolsistas de extensão e colaboradores voluntários (GIÁCOMO, PEREIRA & MIE, 2016).

---

<sup>2</sup>surgiram da miscigenação genética e cultural do colonizador português com o indígena do litoral, ocorrida nas quatro primeiras décadas, a qual formou uma população de mamelucos que rapidamente se multiplicou. Esta protocélula da nação brasileira foi moldada, principalmente, pelo patrimônio milenar de adaptação à floresta tropical dos Tupi-Guarani. A chegada do negro africano, como escravo, pouco contribuiu nesta primeira fase. Entretanto, sua incorporação à ordem social e econômica acabou gerando, posteriormente, um contingente mestiço de índios, brancos e negros, que viria a constituir o povo brasileiro (RIBEIRO *apud* ADAMS, 2000, p.2).



## XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

12 a 14 de novembro de 2024

Salvador - BA, Brasil

Já o segundo caso se trata da sistematização de uma experiência de implementação de uma tecnologia social de saneamento ecológico na comunidade caiçara da Praia do Sono, onde a educação ambiental foi trabalhada conjuntamente com a participação comunitária e técnicas de saneamento ecológico (Machado et al, 2021).

O projeto foi feito em parceria do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis (OTSS) e Fórum das Comunidades Tradicionais de Angra Paraty e Ubatuba (FCT) e, utilizando-se dos conceitos da pesquisa ação, foram executados diagnósticos participativos afim de desenvolver uma tecnologia social que contemplasse as individualidades daquela comunidade de forma a contribuir para a promoção da saúde numa perspectiva socioambiental (Machado et al, 2021).

Foram determinados os seguintes tópicos a serem explorados de cada caso: i) Contexto e origem, ii) Ações Sistematizadas iv) Participação social e v) Aprendizados e Desafios e a consolidação das informações foi obtida a partir de revisão bibliográfica de dados secundários referentes aos dois projetos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### *1. Memórias e Práticas Caiçaras da Península da Juatinga*

#### *i) Contexto e origem*

A série Memórias e Práticas Caiçaras da Península da Juatinga foi uma iniciativa de **sistematização** de tecnologias sociais que partiu de uma demanda comunitária abraçada pelo projeto de extensão Raízes e Frutos (GIÁCOMO, PEREIRA & MIE, 2016). O projeto Raízes e Frutos tem sido uma relevante experiência de pesquisa-ação, a partir da extensão territorializada, entre a academia e movimentos sociais de povos originários no sudeste brasileiro (DE SOUZA MARINHO, 2020).



**XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade  
**12 a 14 de novembro de 2024**  
**Salvador - BA, Brasil**

A experiência sistematizada diz respeito a uma série de práticas tradicionais que acontecem na Reserva Ecológica Estadual da Juatinga (REJ), maior território protegido e contínuo onde habitam comunidades caiçaras no Estado do Rio de Janeiro (MIE, 2019). Nesse território o projeto atua em uma série de interações culturais, acadêmicas e transdisciplinares, sempre a favor de garantir a sociobiodiversidade e salvaguarda dos povos originários que ali vivem, produzindo não apenas conhecimento acadêmico, mas ações de fortalecimento político das populações pela permanência em seu território de direito e de seus modos de vida (GIÁCOMO, PEREIRA & MIÊ, 2016).

O foco dessa sistematização, organizada pelo Raízes e Frutos, foi o de resgatar e (re)valorizar os saberes e o patrimônio cultural caiçara, pautando o direito à autonomia dessas comunidades. A série Memórias e práticas adota as perspectivas da Agroecologia, da governança viva e da gestão comunitária enquanto ferramentas fundamentais para o reconhecimento e o aprimoramento das relações entre a cultura caiçara e a gestão dos ecossistemas e territórios que habitam (GIÁCOMO, PEREIRA & MIE, 2016).

ii) Ações Sistematizadas

O conjunto de ações e práticas tradicionais do caiçara desse trecho do litoral é muito associado à pesca, devido sua importância econômica e social. Entretanto, os conhecimentos dessas comunidades englobam aqueles relacionados aos seus estilos de vida e bem viver.

“Parte dos saberes acumulados ainda é conservada por um considerável número de caiçaras, mesmo aqueles que migraram para as áreas urbanas, embora algumas das práticas correspondentes se tornem menos presente, sendo mantidas por um número cada vez menor de caiçaras. Os conflitos fundiários e ambientais, o turismo, o maior contato com os valores urbano-industriais, entre outros fatores, contribuem para alterar as formas de reprodução social dessas comunidades, colocando em risco o



**XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade  
**12 a 14 de novembro de 2024**  
**Salvador - BA, Brasil**

patrimônio cultural acumulado.” (GIÁCOMO, PEREIRA & MIE, 2016 p. 19)

Assim, após longa pesquisa em conjunto com as lideranças, foram elencadas as seguintes práticas que foram sistematizadas em formato audiovisual e no formato de publicações físicas. O livro principal do memórias e práticas sistematiza as seguintes tecnologias sociais: O pau-a-pique, o telhado de sapê, a farinha de mandioca, a esteira de taboa, a feitura de balaio de cipó traçado, a canoa de um pau só e remo, o arrasto de praia e o cerco de pesca. Todas essas práticas foram sistematizadas também em vídeo pela equipe de voluntários da ECO/UFRJ e ilustrada no livro principal de maneira a registrar o passo a passo da feitura de cada uma das técnicas, suas particularidades e o universo descritivo que cada comunitário relatou acerca das tecnologias (GIÁCOMO, PEREIRA & MIE, 2016).

Além do livro principal e da série audiovisual, foi executado no mesmo edital outros 3 fascículos da série. O primeiro sendo uma publicação do catálogo etnobotânico do sistema agroflorestal do Mestre Altamiro dos Santos, feito em parceria com o INEA; o segundo um livro da história ambiental dos caiçaras da península, que narra o histórico de ocupação indígena da região pelos povos Sambaqueiros, e o último uma reedição de uma publicação antiga do projeto de extensão, o livro “As plantas medicinais do Pouso da Cajaíba”, feito em parceria com a comunidade do Pouso consiste em um livro de receitas medicinais que sistematiza a transmissão oral desse conhecimento das ervas da região.

iii) Participação social

O projeto “Memórias e Práticas Caiçaras da Península da Juatinga” foi elaborado junto aos mestres do saber tradicional caiçara da região da Península da Juatinga. As publicações e a série audiovisual são resultado de um trabalho coletivo de dois anos, a partir da elaboração de um projeto prévio, submetido ao edital PROEXT/MEC 2013 e



**XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade  
**12 a 14 de novembro de 2024**  
**Salvador - BA, Brasil**

2015, principal fonte de financiamento para a execução da proposta. (GIÁCOMO, PEREIRA & MIE, 2016)

O material reunido foi analisado e tratado, resultando em vídeos e em uma série de livros, onde buscou-se privilegiar o vocabulário caiçara e uma redação simples, tendo em vista que o principal público são as próprias comunidades da Juatinga e, particularmente, o uso didático pedagógico para o ensino fundamental das escolas da região.

iv) Aprendizados e Desafios.

O conjunto de saberes e práticas sistematizado é uma amostra do Patrimônio Cultural Caiçara das comunidades da Península da Juatinga. Também a caça, a culinária, as manifestações culturais como a ciranda, os bailes e a contação de histórias são, entre outros, elementos fundamentais da identidade e da cultura caiçara. (GIÁCOMO, PEREIRA & MIE, 2016). O grande desafio ao qual essa sistematização se propôs foi o de elaborar um material que expresse parte desse patrimônio e contribua para seu reconhecimento e valorização. A salvaguarda da cultura imaterial caiçara é essencial para que as políticas sociais e ambientais tragam justiça social, conservando ecossistemas diversos e os povos que os guardam com suas práticas de bem viver.

Aspectos do contexto atual, como a implementação de leis ambientais em desacordo com o estilo de vida das comunidades, podem colocar em risco a manutenção dessas práticas e conhecimentos (MIE, 2019). Portanto, sistematizar suas práticas e experiências, de certa forma é criar condições para a reprodução cultural dessas comunidades e a permanência em seus territórios através da visibilidade e disseminação dos atravessamentos que acontecem ali. (GIÁCOMO, PEREIRA & MIE, 2016)



**XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade  
**12 a 14 de novembro de 2024**  
**Salvador - BA, Brasil**

*2- Saneamento ecológico na Comunidade Caiçara da Praia do Sono – Uma ação sistematizada em três atos.*

i) Contexto e origem

A ação de saneamento ecológico na comunidade caiçara da Praia do Sono é uma experiência pioneira na implementação de instalações sanitárias trabalhando conceitos da bioconstrução, com tecnologias territorializadas e com participação comunitária, na região do município de Paraty RJ. A parceria interinstitucional FCT/OTSS não apenas se debruçou sobre a demanda por saneamento básico da Praia do Sono, como também frutificou ações similares em outras comunidades com outras experiências e tecnologias sociais de manejo adequado de resíduos hidrossanitários. (MACHADO et all 2021).

A sistematização do processo foi engendrada pelo engenheiro químico, mestre em engenharia ambiental e doutor em psicossociologia de comunidades e ecologia social, Gustavo Machado, pesquisador e assessor técnico do OTSS (GALLO & NASCIMENTO - 2019), que atuou ativamente em campo durante a implementação desse projeto pioneiro na Comunidade do Sono. É o responsável pela sistematização da experiência em três publicações; A cartilha Caminhos e cuidados com as águas, sua tese de Doutorado sobre a experiência do saneamento na EICOS UFRJ, e posteriormente, a autoria do livro “Somos Natureza”. Esse conjunto de publicações sistematiza a implementação do saneamento ecológico na comunidade de diferentes formas. A seguir falaremos individualmente de cada um deles.

ii) Ações Sistematizadas

A principal ação sistematizada nas três publicações foi a experiência do Saneamento Ecológico na Comunidade da Praia do Sono, com a metodologia da pesquisa-ação. O guia “Caminhos e Cuidados com as águas – faça você mesmo seu



## **XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

sistema de saneamento ecológico”, o primeiro a ser idealizado, partiu da intenção da equipe de Saneamento Ecológico do OTSS em disseminar a experiência bem sucedida do Sono para atores locais e demais comunidades da região (Gustavo et al, 2021). O guia possui uma redação simples, uma linguagem acessível e inúmeras ilustrações que explicam o passo a passo detalhado das técnicas hidros sanitárias de forma a fomentar a construção dos módulos.

A tese em psicossociologia, “Saneamento Ecológico: Uma Abordagem Integral de Pesquisa-ação aplicada na Comunidade Caiçara da Praia do Sono em Paraty”, possui um caráter acadêmico, afim de trazer para dentro do Instituto de Psicologia da UFRJ, uma abordagem do social e da subjetividade nos aprendizados e desafios de uma experiência de solução tecnológica a partir da participação social para a promoção da saúde.

Já o livro “Somos Natureza” Colabora para a sistematização dessa experiência de uma forma mais poética e de um ponto de partida mais pessoal. Neste livro o autor relata como a implementação do saneamento no Sono transformou não apenas o ecossistema e a vida daqueles comunitários, mas também a ele próprio, com a plena experiência do diálogo dos saberes, dos afetos e amizades construídos durante o processo. O livro propõe um caminho de reflexão, a partir de perguntas e de relatar a própria experiência, para que os leitores possam refletir sobre as suas práticas

### iii) Participação social

A parceria FCT/OTSS promoveu a participação comunitária no processo de implementação do saneamento. Neste artigo vamos trazer a experiência de duas lideranças caiçaras que formaram parte da equipe enquanto pesquisadores comunitários para atuarem no projeto. Jadson do Santos, liderança da Praia do Sono, e



**XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade  
**12 a 14 de novembro de 2024**  
**Salvador - BA, Brasil**

Francisco Ticote Xavier Sobrinho, liderança da praia do Pouso da Cajaíba, fundador do FCT e do Instituto de Permacultura e Educação Caiçara (IPECA).

Ambos tiveram uma importante participação não só mobilizadora, mas também atuando na assessoria técnica e na escolha do processo construtivo dos módulos construídos. Jadson e Ticote ocuparam um papel de mestres do saber viver caiçara como relata MACHADO em “Somos Natureza”. Eles contribuíram, dentre outras questões mais pragmáticas, para o entendimento de como é fácil falar teoricamente de ecologia dos saberes (BOAVENTURA) mas como na prática é difícil reconhecer a notoriedade popular e ao mesmo tempo colocar a contribuição acadêmica de maneira ativa.

Ticote, enquanto permacultor caiçara, contribuiu para desvendar os processos construtivos com uma abordagem sempre confiante de que daria certo apesar das inseguranças apontadas pelo corpo acadêmico em relação a normas e paradigmas existentes na execução de obras públicas. Jadson, enquanto presidente da associação de moradores da Praia do Sono, contribuiu com a articulação local de uma forma geral, mas vale ressaltar sua contribuição na disseminação da desconstrução simbólica sobre a destinação do esgoto, que não mais é tratado como algo a ser evitado como em sistemas de saneamento convencional, e sim enquanto matéria orgânica dentro de um sistema de saneamento ecológico. (MACHADO 2021)

iv) Aprendizados e Desafios.

Existem inúmeros desafios ao tentar implementar uma tecnologia nova em uma comunidade tradicional com participação comunitária. Como não havia uma política pública ou documentos que validassem as tecnologias que estavam sendo aplicadas, ocorreram muitos embates teóricos. Porém com o tempo os tensionamentos entre os pesquisadores acadêmicos e os permacultores comunitários foram ficando amistosos e construtivos.



## **XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

Em “Somos Natureza”, MACHADO relata como faria muitas coisas diferentes hoje em dia, e o quanto aprendeu com o processo e com a comunidade o “fazer comunitário”. O grande aprendizado dessa jornada, relata o sistematizador, talvez seja a relevância de compreender a história das pessoas e os atravessamentos das comunidades onde metodologias de pesquisa-ação são aplicadas e levar esse histórico em conta ao arquitetar as ações dessa natureza.

### **CONCLUSÃO**

Este artigo conclui dizendo que seguiremos respondendo à pergunta recorrente sobre “Como se deve sistematizar experiências” da seguinte forma: Depende! Podemos contar com um conjunto de passos, ferramentas e procedimentos e técnicas articuladas em torno de um processo participativo que adaptaremos a cada caso, porém, assim como aprendemos com os povos originários enquanto mestres do saber viver, precisamos nos permitir ser flexíveis à realidade de cada processo e nos adaptar a cada experiência, sem cair em receitas prontas e rasas.

São muitas as questões que devem ser levadas em consideração ao sistematizar experiências, e sem dúvida não temos que ter a resposta de todas antes de começar. O que sabemos é que promover uma cultura do sistematizar colabora não apenas para a disseminação das experiências, mas também para uma maior conscientização acerca de conceitos de bem viver contra hegemônicos melhor alinhados a um futuro sustentável, digno e libertário.

Ambos os casos de sistematização de experiência apresentados no presente artigo, tanto fortalecem o processo de extensão, pesquisa-ação e ensino como estão disponíveis gratuitamente pra download para colaborar com pesquisadores/as, assessores/as que estejam dispostos a fazer trilhas de resistência ao individualismo



**XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade  
**12 a 14 de novembro de 2024**  
**Salvador - BA, Brasil**

capitalista que fragmenta os saberes e deixa na invisibilidade práticas coletivas que necessitam ser refletidas.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ACOSTA, A. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

ALTAMIRA, Fernando: La sistematización de experiencias en el Sur y en el Norte: ¿iguales o diferentes?- el proceso del grupo de trabajo de voluntariado de la Congde, Bilbao, 2003.

DE SOUZA MARINHO, Raíssa. A atuação do turismo na produção do espaço da comunidade caiçara da Praia do Sono - Paraty/ RJ. IGEO/UFRJ 2020

DIEGUES, Antônio, C. O Mito Moderno da Natureza Intocada. São Paulo: Hucitec. 1996.

GALLO, E. Territórios sustentáveis e saudáveis: experiências de saúde ambiental territorializadas, desdobramentos e perspectivas. Capítulo 5: Territórios Sustentáveis e Saudáveis: desafios teórico-práticos para o bem viver; pp. 96-123, 2021.

GALLO, E., NASCIMENTO, V. O território pulsa. Territórios sustentáveis e saudáveis da Bocaina: Soluções para a promoção da saúde e do desenvolvimento sustentável territorializados. Paraty – 2019

GIACOMO, M.; PEREIRA, M. V. M. ; MIÊ, T.S. Memórias e Práticas Caiçaras da Península da Juatinga. 1a. ed. Rio de Janeiro: Proext Cultura 2015 MEC, 2016. JARA, Oscar. Para sistematizar experiências. Brasília 2006 12

JARA, Oscar. Para sistematizar experiências. Brasília 2006

MACHADO, Gustavo. Somos natureza: soluções baseadas na natureza para o desenvolvimento local – Rio de Janeiro 2022

MACHADO, Gustavo. Caminhos e cuidados com as águas: faça você mesmo seu sistema de saneamento ecológico – Rio de Janeiro 2021

MACHADO, Gustavo. Saneamento Ecológico: Uma Abordagem Integral de Pesquisa-ação aplicada na Comunidade Caiçara da Praia do Sono em Paraty – EICOS UFRJ - 2019

MIE, T.M.S. É Tudo da Roça! História Ambiental dos Caiçaras da Península da Juatinga.. 1a. ed. Rio de Janeiro: ProExt Cultura 2015 MEC, 2016.

THIOLLENT, M. Pesquisa-ação nas organizações- 2ed. São Paulo 2009